

OS LEIGOS NA IGREJA, OS «NOVOS» SOPROS DO ESPÍRITO

Luís Miguel FIGUEIREDO RODRIGUES

luis@dicoese-braga.pt

É um dado claro, para quem vê a Teologia pós conciliar, que a perda de unidade da teologia é um dos maiores desafios que se coloca hoje ao pensamento cristão. Le Guillou tenta dar resposta a esta situação, propõe uma teologia do Mistério, capaz de devolver uma reflexão crítica e sistemática no horizonte onde o cristianismo nasceu: a recepção da Verdade revelada na história. A categoria de Mistério permite à reflexão teológica encontrar a unidade e o equilíbrio na confissão do cristocentrismo trinitário, capaz de inspirar uma acção verdadeiramente missionária e pastoral da Igreja. Esta é a verdadeira confissão apostólica.

O teólogo acima citado, escreve no seu livro *O Mistério do Pai*¹, em 1973, que “o certo é que a fidelidade ao testemunho trinitário que está presente no coração da Igreja e a congrega na unidade, é o que suscitou ao longo de

¹ Le Guillou, M-J, *El Misterio del Padre. Fe de los Apóstoles. Gnosis actuales*, ed Encuentro, Madrid 1998. Mas o original francês é de 1973

séculos as comunidades de vida monástica e de vida apostólica nas quais germinou, apoiando-se, uma sobre a outra, a experiência pastoral e o aprofundamento teológico. No nossos dias, tal como no passado, há-se ser nestas comunidades onde a fé e a teologia se hão-de restaurar nos seus verdadeiros fundamentos. Mas, no futuro – continua Le Guillou –, será na comunicação de *comunidades espirituais livres* – que agrupem na vida do Espírito a homens e mulheres, sacerdotes, religiosos e leigos – onde se desenvolverão os caminhos de uma renovação espiritual, teológica e missionária, digna do chamamento profético do Vaticano II”². Eu vejo aqui uma clara aposta nos Novos Movimentos Eclesiais, e no contributo que são chamados a dar à Igreja, onde todos os aspectos e perspectivas da Igreja devem ser vistos desde o prisma do Mistério Trinitário³.

Estas novas organizações de apostolado secular, excepcionalmente dinâmicas, às quais se referia o Papa no ano de 1979, chegariam a ser denominadas pelo termo genérico de ‘movimentos’, expressão que nem o Vaticano II nem o Código de Direito Canónico empregam ao referir aos cristãos leigos, pois falam mais de associações seculares. João Paulo II utilizou-a em 1981, referindo-se aos novos movimentos na Igreja que é, ela mesma movimento. Na *Redemptoris Missio*(73) assinala como uma novidade surgida recentemente em não poucas Igrejas o grande desenvolvimento dos movimentos eclesiais, dotados de um forte dinamismo missionário.

Na Igreja movimento, estes movimentos sobressaem e chamam a atenção pela sua novidade e por um dinamismo espiritual, missionário e evangelizador; supõem uma forte interpelação para outras realidades eclesiais mais antigas e tradicionais que o tempo foi anquilosando e que a modernidade fez com que experimentassem uma amarga decepção de impotência, assim

² Ibidem, p. 267.

³ Gonzáles Muñana, M., *Nuevos Movimientos Eclesiales*, ed San Pablo, Madrid 2001, 189pp.

como a ineficácia dos seus métodos, ainda que tivessem algum desejo de evangelizar e não só de ‘manter a fé’.

Novos movimentos eclesiais

Chamam-se '*novos*' para diferenciá-los de qualquer outra forma de associação laical.

E denominam-se '*movimentos*', porque são uma expressão profunda do movimento eclesial, da Igreja movimento, mais do que uma actividade.

São '*eclesiais*' porque podem pertencer a eles cristãos provenientes das três vocações: leigos, consagrados e ordenados. Se bem que na sua grande maioria estão compostos por cristão leigos.

Identidade dos novos movimentos eclesiais

Estes movimentos são considerados como verdadeiros carismas do Espírito para o tempo presente. Têm a característica de estarem dotados de uma certa imprevisibilidade, mutabilidade, assombra, profunda novidade, gratuidade e liberdade. Não podia ser de outra forma, ao serem expressão da acção do Espírito Santo na Igreja.

Todos os novos movimentos eclesiais parecem coincidir nas seguintes características:

- *São realidades eclesiais novas*, preferentemente laicais, diferentes das precedentes ou contemporâneas associações laicais;
- *De origem carismática*, pois pertencem à vida e dinamismo da Igreja, não à sua estrutura ou dimensão institucional. Não vêm dadas, surgem inesperadamente conforme a liberdade e a imprevisibilidade do Espírito Santo;

- *Com um forte impulso missionário* numa sociedade secularizada. Têm como tarefa principal a missão no mundo, no qual se situam como testemunhas daqueles valores cristãos que o vendaval secularista arrasou;
- *Nascidas em torno de um fundador*, de forte personalidade carismática, que exerce uma forte atracção, testemunha privilegiado da fé, com uma oferta atraente e significativa, porque pessoa do Espírito;
- *Com uma doutrina, espiritualidade e metodologias próprias*, inseridas dentro do grande tesouro que é a Igreja, mas concretizadas e com um toque especial, específico;
- *Vivem o acontecimento cristão de modo excepcional*. A grande novidade destes movimentos está na recuperação daquelas formas de ser cristão que foram esquecidas pela grande massa de cristãos. Tratam de encarnar na vida a Jesus Cristo, o Senhor, e de testemunhá-Lo desde essa experiência vital;
- *Vivem no aqui e agora da Igreja*. O rasgo mais característico destes movimentos é que vivem muito encarnados no tempo presente, com uma forte comunhão teológica, afectiva e efectiva com a Hierarquia, de modo especial com o Papa;
- *Empenhados numa nova evangelização*. O estar decididos a desempenhar tarefas de nova evangelização deriva do seu encontro existencial com o acontecimento Jesus Cristo, em comunhão com a Igreja.

Como *conclusão*, podemos dizer que os novos movimentos eclesiais são novas realidades eclesiais, preferentemente laicais, de origem carismática, e

com um forte impulso missionário, no seio de uma sociedade secularizada. Nasceram de um fundador com grande personalidade carismática e têm espiritualidade y metodologias específicas. No seu agir, vivem de maneira excepcional o acontecimento originante: Jesus Cristo, empenhados, em Igreja, em anunciá-Lo aqui e agora.

As novas comunidades

Este fenómeno de renovação das novas comunidades tem a sua origem no Concílio Vaticano II, que vê na experiência comunitária da Igreja primitiva o modelo e a chave da renovação eclesial, uma vez que as novas comunidades são aqueles lugares nos quais se tem a satisfação de se encontrar, saudar, aceitar e viver como irmãos em Cristo. Para que sejam realmente comunidades eclesiais, Paulo VI na *Evangelii nuntiandi*, afirma que devem viver alimentadas pela Palavra, unidas à Igreja particular e universal, em comunhão com os seus pastores e comprometidos com o meio. Não devem ser sectárias, devem afastar toda a contestação sistemática e um espírito hiper-crítico.

Esta realidade das novas comunidades não surge por acaso, fundamenta-se em raízes antropológicas, teológicas, eclesiológicas e na Palavra de Deus.

Deste modo:

- *Fundamento antropológico.* O homem, desde as suas origens, foge da solidão essencialmente porque tem necessidade de intercâmbios e de sociabilidade;
- *Fundamento teológico.* Deus é um ser pessoal e comunitário, pelo que as novas comunidades, encarnadas nas realidades terrenas oferecem ao homem e à sociedade o Cristo pascal, e ao realizar-

se nelas o prodígio permanente do Pentecostes, contagiam a unidade e a fraternidade universais;

- *Fundamento eclesiológico.* A igreja é a realização visível e misteriosa na terra da comunhão trinitária. É, em Cristo, sinal e instrumento da unidade de todo o género humano e da união de todos os homens entre si e com Deus. A Trindade vive na terra, mediante o seu sinal, o seu sacramento, que é a Igreja;
- *Fundamento bíblico.* Jesus teve claramente a vontade de fazer comunidade. A sua mensagem é claramente comunitária. Veio ao mundo para instaurar o Reino no qual se fizeram reais a paternidade de Deus e a fraternidade universal.

Como *conclusão*, podemos dizer que estas novas comunidades cristãs podem definir-se como um grupo de cristãos em comunhão eclesial, que partilham o que são, o que têm e o que fazem. Celebram e crescem na fé, abertos à missão, fundamentados no amor, vínculo que os une numa organização evangélica.

Multiplicidade na Unidade

Perante este fenómeno dos novos movimentos eclesiais e das novas comunidades, e da sua fecunda proliferação pela Igreja universal, podemos afirmar, com João Paulo II, que só é admissível aquela pluralidade que constitui «um hino à unidade».

Este princípio de unidade, que se deve sempre salvaguardar, e que deriva da comunhão na mesma fé, esperança e caridade, obedientes a Cristo e

aos Pastores da Igreja; ou seja, pela comunhão no ser e no fazer da Igreja. Está é, indubitavelmente, a melhor chave de classificação dos movimentos – no dizer de Manuel Gonzáles Muñana –, de entre as muitas que se poderia optar.

Objectivos e metodologia

Podemos desde já dizer que todos os movimentos coincidem nos objectivos gerais, que são a vivência experiencial da fé, a vivência em comunidade e o carisma dos seus fundadores. Isto tem como consequência que todos se esforcem por viver a perfeição da caridade, por construir a Igreja no tempo presente, edificando um mundo novo.

Depois, cada movimento, tem a sua peculiaridade, a sua forma específica de realizar estes objectivos. O que distingue um movimento do outro é a forma como cada um realiza os objectivos gerais, como os consegue concretizar.

No que diz respeito ao método, temos de ver que a essência do cristianismo é o acontecimento Cristo e a Sua Igreja: Cristo é o acontecimento original e a Igreja é a sua continuação no espaço e no tempo. O que os novos movimentos pretendem com os seus métodos é possibilitar o encontro com esse Acontecimento.

Se fosse preciso catalogar a metodologia seria catalogada como *metodologia do encontro com Cristo*, onde tudo o mais perde importância e é relativizado, procurando cada um viver o cristianismo na sua primeiríssima novidade.

Os principais passos desta metodologia são:

- encontro com o Senhor;
- deixar-se olhar pelo Senhor, e reconhecê-lo como Deus e Senhor;
- seguir a Cristo em radicalidade;
- num esforço missionário.

Se repararmos foi esta a metodologia que Cristo utilizou com os seus discípulos.

Novidade Carismática

Os novos movimentos pertence à vida e dinamismo da Igreja, não à sua estrutura hierárquica; pertencem à dimensão carismática, não à institucional.

Foi o Vaticano II que devolveu à igreja ocidental o termo ‘carisma’, dando-lhe uma grande actualidade. Se bem que já Pio XII, na encíclica *Mystici corporis* se tinha referido a esta realidade. Sendo ‘carisma’ visto como *uma graça que procede de Deus, que acontece na Igreja e nos seus membros, para o bem da comunidade.*

A reflexão teológica, partindo da Revelação, acabará por dar uma definição mais acabada de ‘carisma’, como *uma graça, um dom gratuito, concedido pelo Espírito à Igreja, e na Igreja, e aos cristão para a utilidade comum.* Esta graça é diferente da santificante, que provém dos sacramentos, pois vem directamente do Espírito Santo.

Uma das coisas que se deve evitar é contrapor carisma e instituição, pois ambas as realidades são essenciais. João Paulo II, no mensagem que enviou ao Congresso Mundial, promovido pelo Pontifício Conselho para os

Leigos, escreve que: “Na Igreja não existe contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática, da qual os movimentos constituem uma experiência significativa. Ambas são coessenciais à constituição divina da Igreja fundada por Cristo”.

No contexto do Vaticano II

A Igreja saída do Concílio Ecuménico Vaticano II estava a precisar destes novos carismas, realidade a que o Espírito deu resposta. A atrofia eclesial chegou a ser alarmante, uns anos depois de terminar o Concílio: muitos sectores perdiam a sua identidade, procurando na sociedade secular a sua segurança. Foi uma época em que sobraram ideias e faltou uma vida autêntica de encontro com o acontecimento original e originante que é Jesus Cristo, capaz de desencadear uma conversão que predisponha o convertido a viver segundo essa conversão. Estava um pouco esquecida a realidade de que é Cristo que transforma a existência; que a Igreja e os cristãos têm por pátria o caminho e por tarefa a missão.

Num estado de tal prostração, e quando menos se esperava, o Espírito Santo rompeu pela Igreja, e aquilo que era um ‘inverno eclesial’ transformou-se numa primavera de vida. Estes novos movimentos oferecem à Igreja actual a sua vida em comunhão, expressa em comunidades, nas quais partilham o caminho que conduz do deserto à terra prometida.

Numa sociedade secularizada

Não é só a Igreja pós Vaticano II, também a sociedade contemporânea da pos-modernidade está a precisar da existência de estas novas realidades eclesiais. Esta sociedade de massas, com falta de intimidade, super-organizada e burocrática, sem gratidão e sem poesia, agressiva e tecnificada, torna difícil a

existência das pessoas, incapazes de adaptar-se a um mundo em desenvolvimento permanente, bloqueado na sua afectividade, no seu psiquismo e na sua vontade de conviver.

Os novos movimentos e comunidades oferecem alternativas muito significativas à sociedade pós-moderna, tecnocrata, encerrada no raciocínio científico, que a reveste de consumismo, mas também à Igreja e às grandes religiões históricas, imersas em boa parte, no racionalismo ético-metafísico.

Estes novos movimentos situam-se nesta sociedade de duas maneiras: como fermento na massa e como mediação. Estes novos movimentos, enquanto laicais e peculiarmente seculares, estão chamados impregnar a sociedade do espírito cristão e a ser testemunhas do Senhor, a partir da sua inserção na comunidade humana.

Características

Estes novos movimentos revestem-se de umas características que, não sendo exclusivamente suas, mas pertencentes à riqueza da Igreja em geral, neles revestem-se de uma peculiaridade especial.

Estes movimentos são:

- *Laicais*, não só por estar integrados na sua maioria por leigos, mas sobretudo pela sua origem, espiritualidade e missão seculares;
- *Comunitários* pois, no seio da Igreja comunhão, estes movimentos constituem um forte convite à experiência de comunidade, expressão da comunhão que a Igreja é. Os novos

movimentos querem oferecer aos seus contemporâneos o ambiente terno da casa do Pai.

- *Primazia da experiência* uma vez que a essência da comunhão com Deus é a experiência do encontro com o Senhor, geradora de uma gratificante conversão, que leva a uma relação com o Senhor e com os irmãos, da qual nascem correntes de água viva que revitalizam existencialmente a quem partilhada mesma experiência, convertendo-se, por sua vez, num oásis para a sociedade e para a Igreja. O cristianismo é, para os novos movimentos, muito mais que uma doutrina ou uma moral. O agir cristão é uma consequência da fé, não a sua essência.
- *Missionários*. Estes movimentos levam bem inserida na sua identidade a missão, pois como carismas são dom para os demais. Como comunidade, manifestada na comunhão de fé e de vida, existem para a missão que Cristo confiou à Igreja. Todos são responsáveis pela missão, de acordo com a sua vocação e carisma.
- *Universais* não só por estar em muitos países, terem muitos membros, mas sobretudo porque participam da catolicidade da Igreja.
- *Ecuménicos*, procurando a unidade, porque praticam um ecumenismo em sentido amplo, na sua predisposição de derrubar todo o que sejam barreiras entre países, raças ou culturas. Favorecem a vertente espiritual do movimento da unidade, sobretudo na oração inter-confessional e no ecumenismo de vida, convivendo com todos e trabalhando em acções a favor do homem e da sociedade. A oração e a vida, quando unidas, geram tal força de comunhão e de amor entre

os que a partilham que ajudam e possibilita um certo degelo dogmático e doutrinal.

Para além destas características, podemos ainda sublinhar o facto de serem mais carismáticas que organizacionais, primarem a gratuidade em detrimento da eficácia e de manterem uma relação filial com o Papa.

Critérios de eclesialidade

Os novos movimentos são dons eclesiais pela sua origem, vida e missão. Nascem na igreja, vivem nela e existem para a missão que a igreja tem no mundo. Por isso, estes movimentos caracterizam-se pela fidelidade à igreja universal, através da fidelidade à Igreja particular, e pela fidelidade ao carisma. A autosuficiência de qualquer grupo carismático, será um ‘suicídio eclesiológico’.

Os critérios de eclesialidade para estes movimentos não são específicos deles, antes pelo contrário, pertencem aos critérios de eclesialidade de todas as realidades eclesiais.

Recolheremos os critérios que João Paulo II apontava na *Chritifideles Laici*:

- primado da santidade;
- confissão íntegra da fé apostólica em obediência ao Magistério;
- comunhão firme e convencida com o Papa, centro perpétuo e visível da unidade universal da Igreja, e com o Bispo, princípio e fundamento visível da unidade na Igreja particular;
- participação na evangelização e santificação da humanidade

- compromisso social ao serviço da dignidade integral do homem.

A comunhão com a Igreja é um sinal de maturidade cristã, que não se alcança de uma vez para sempre, nem é plenamente satisfatório desde o princípio. É um processo que se deve fazer; um caminho a percorrer; uma meta a alcançar por etapas.

Os novos movimentos eclesiais percorrem este caminho, tornando-se cada vez mais conscientes da necessária inter-relação no interior do Povo de Deus. Não pode ser de outro modo. Enquanto carismas que nasceram no interior da Igreja e que existem para ela, aspiram à plena comunhão eclesial, que chega à sua maturidade quando se explicita na comunhão teológica, afectiva e efectiva com o bispo diocesano, o que leva a implicarem-se activamente nos programas e objectivos da igreja local, a porem-se ao serviço do bem comum e a afastarem-se de qualquer falso protagonismo.

CONCLUSÃO

A terminar, podemos dizer que o mundo é o lar do homem, a casa comum da humanidade. Desde a caída do primeiro homem, o mundo é uma realidade ambígua e ambivalente: lugar onde se realiza a história da salvação e, ao mesmo tempo, espaço ferido e fustigado pelo pecado.

Os novos movimentos eclesiais, com a sua presença e acção no mundo, em ordem à sua renovação e recriação, tratam de conhecer a fundo as realidades terrenas e o que de belo e ordenado há em cada uma, bem como a sua ‘maldade’. Valorizam rectamente cada situação, comprometendo-se, no mundo, pela edificação do Reino, sempre na fidelidade à realidade historico-salvífica do Mistério trinitário

Esta missão é levada a cabo por uma existência cristã marcada por um radicalismo evangélico e um maior impulso evangélico.